

A REGENERAÇÃO

AVENÇA

Ano XXIII

Semanário regionalista

N.º 716

Composto e impresso na *Tipografia Figueiroense*
Figueiró dos Vinhos

Director, Editor e Proprietário:
Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração — Bairro Teófilo Braga
Figueiró dos Vinhos

Ainda e Sempre O OIRO NEGRO

Comentei largamente em anterior escrito a bizarra afirmação do colonialista italiano Ennio Giurco de que «só a Itália, entre a potências coloniais, deu solene manifestação da sua capacidade construtiva».

Quanto às outras, isto é, quanto a Portugal, Bélgica, França, Inglaterra, etc. afiança o fantástico escritor italiano, que, «ou se limitam a viver elevadas na sua longa mas inactiva presença nos velhos domínios ou se satisfazem com uma investidura jurídica na crença de lhes ser possível colonizar o continente africano com formalidades burocráticas».

Deixemos passar em claro a heresia da concepção duma investidura jurídica para base de formalidades burocráticas. Aquilo que Giurco apelida de «investidura jurídica» é nada mais nada menos do que o alicerce sobre que assenta a ordem, a justiça, a liberdade, a família, o trabalho, numa palavra, a civilização. Não há Estado, nem Poder, autoridade, sem «investidura jurídica». Isto é tão singelo, tão comedido, tão ao alcance de todos, que não vale a pena gastar mais cera com ruínas defuntas.

Outra heresia, porventura mais chocante, transpira da doutrina do escritor italiano.

Giurco, ao que parece, encara a colonização apenas sob o aspecto económico, ou melhor - jogo franco e cartas na mesa — sob o aspecto materialista, como directriz e rumo da ocupação branca nas terras de além-mar.

Nada mais falso, nada mais anti-cristão e portanto nada menos humano.

Colonizar é por essência e definição, civilizar e evangelizar. Ora, se na tarefa de civilizar não contam apenas as realizações materiais, na evangelização só o espiritual domina.

Reproduzo com prazer um passo dum tratado de direito público colonial, que é perfeita síntese da função social da colonização.

Diz assim: «assentemos, pois, em que a colonização não deve ser exercida em exclusivo proveito dos colonizadores, mas tendo em atenção, sobretudo, o benefício dos colonos indígenas e a sua condução para a civilização».

O euroafricanismo terá pois que ser entendido em termos hábeis, como se diz em linguagem forense, não podendo nunca restringir direitos de soberania nem implicar quebra da dignidade humana em relação aos nativos, o que não quer dizer que não procure intensificar o aproveitamento do solo e do subsolo ultramarino.

Ao mesmo tempo, por acertadas realizações, concebidas e executadas por técnicos especializados — acabou-se o amadorismo — cada Nação colonial esforçar-se-á por melhorar as condições de salubridade por forma a ser possível a fixação do branco e menor a mortalidade do indígena.

Tudo isto, por mais que pese ao escritor italiano da Rivista delle Colonie, é tradição na política colonial portuguesa e pensamento orientador da acção do Governo do Estado Novo.

Expresso em números e traduzido em factos é como segue: empréstimo dum milhão de contos a Moçambique para estudos e obras de fomento, empréstimo de meio milhão de contos a Angola para obras de Fomento assistência, etc., empréstimo de cinquenta mil contos a Cabo Verde para valorização do património e criação e desenvolvimento de novas indústrias, empréstimo de quarenta mil contos à Guiné para obras de fomento, largos financiamentos para a reconstrução de Timor, realizações pro-

(Continua na 2.ª página)

Pelo Governo Civil

No dia 22 do corrente reuniram no Governo Civil os Presidentes das Câmaras Municipais, que trataram de assuntos do maior interesse para o Distrito. Ao mesmo tempo, e sob a presidência do sr. dr. Manuel Ribeiro Ferreira, reuniram os Presidentes das Comissões Concelhias da União Nacional.

Depois de um almoço, que a todos foi oferecido pelo Governador Civil, reuniram em conjunto os Presidentes das Comissões Concelhias e os Presidentes das Câmaras, sob a presidência do Governador Civil.

Compareceram os Presidentes de todas as Câmaras, fazendo-se representar os Presidentes das Comissões Concelhias que não puderam comparecer.

Reverendos Sacerdotes

Em serviço religioso estiveram nesta vila, os Reverendos Párocos, José Henriques do Nascimento e Arménio Marques, de Castanheira de Pera, Américo dos Santos, de Vila Facaia, José Ferreira, de Pedrógão Grande, Anibal Henriques Coelho, da Graça, José da Cruz Dinis, de Arega, Manuel Luiz, de Campelo e José Rodrigues Paiva, de Agud, a quem cumprimentámos.

Comemoração do 28 de Maio

Legião Portuguesa do distrito de Leiria

Para comemorar o dia 28 de Maio, concentrou-se na ridente vila da Marinha Grande, no passado dia 23, um batalhão de legionários de todo o distrito, comandado pelo sr. capitão Infante de la Cerda.

Depois de ter marchado pelas ruas principais daquela vila, foi-lhe passada revista pelo sr. Governador Civil acompanhado pelos comandantes dos Regimentos de Artilharia 4 e Infantaria 7 e Distrital da Legião Portuguesa, sr. capitão Prostes da Fonseca.

Fizeram a guarda de honra os Bombeiros Voluntários locais e a Mocidade Portuguesa.

Após a marcha em continência seguiram as forças legionárias para o campo desportivo do Atlético Clube Marinhense onde foi celebrada missa ao ar livre, tendo o respectivo pároco feito uma alocução patriótica.

A seguir regressaram as forças a quartéis.

O nosso concelho fez-se representar na referida concentração com o efectivo de 25 homens comandados ao local da Comemoração pelo Comandante do Núcleo sr. João Dias Graça.

Comunhão de Crianças

Na quinta feira do Corpo de Deus, fizeram a sua comunhão 313 meninas e meninos. Esta cerimónia que é preparatória da Comunhão Solene foi revestida de brilho e de simplicidade encantadora.

Após ela, foi servido aos comungantes um pequeno almoço, café com leite, pão, queijo e manteiga, oferecido pela Irmandade do S. Sacramento.

Estrada Municipal de Aldeia a Chimpeles

As valetas desta estrada encontram-se em vários pontos impedidas, pelo que estão a prejudicar a estrada.

Na rampa da Aldeia de Ana de Aviz, vê-se que a barma é que serve de valeta.

Para o caso chamamos a atenção da Câmara.

VINHO

Os jornais anunciaram que vai sair um milhão de litros de vinho.

Animem-se, srs. vinícolas, e tanto mais que se anuncia também, que a exportação continua.

COMO SE COMBATE A TUBERCULOSE

EM PORTUGAL

A tuberculose é de todas as doenças de carácter crónico e contagioso a mais generalizada, aquela que mais facilmente se propaga e maior taxa de mortalidade regista.

A ciência tem procurado, inutilmente, por todos os meios ao seu alcance, estudar o terrível mal, buscando novos métodos e aplicando novas teorias, fugindo à rotina dos velhos e antiquados processos, sem que, até agora, os resultados obtidos possam considerar-se compensadores mau grado os esforços feitos nesse sentido em todo o Mundo.

Todavia, ainda que pouco se haja adiantado no campo experimental, não pode deixar de reconhecer-se o muito que em Portugal se tem feito no campo sanitário, com a aplicação da forma iniciada em 1926 sob os melhores auspícios e concluída definitivamente em 1947, com a criação de uma série de inovações nos serviços hospitalares.

O Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos que vai, mais uma vez, promover em todo o País, a «Semana da Tuberculose», realizando conferências e sessões de propaganda de profilaxia na luta contra o terrível flagelo social, tem desenvolvido entre nós uma valiosa e humaníssima campanha, procurando, sob o patrocínio do Estado Português, neutralizar o mal, impedindo que ele alaste ou se desenvolva.

Da certa maneira, dadas as condições favoráveis da posição actual dos nossos estabelecimentos hospitalares e a criação de numerosos postos anti-tuberculosos e dispensários espalhados por quase todos os bairros de Lisboa, para não falarmos nos existentes na província, a situação melhorou sensivelmente, se atendermos ao facto de que, antes de 1945 uma décima parte de todos os óbitos eram causados pela tuberculose.

A atenção que o Governo consagrou a este problema, tendo em vista o revigoramento da raça e a necessidade de proteger particularmente as classes pobres, por serem aquelas que menos possibilidades de defesa oferecem na luta contra a tuberculose, traduziu-se no aumento

de dispensários e de camas destinadas aos doentes da terrível moléstia.

Assim, haviam, já, em 1938, 2.486 camas, número que, no ano pretérito foi elevado para 4.126, sem contarmos, é bom de ver, os novos pavilhões no Sanatório do Lumiar, a inaugurar no corrente mês, e se excluirmos, também, que a cifra de doentes hospitalizados em 1946 era de 6.653, o triplo do que existiam em 1938.

Do confronto destes números, verifica-se que a intensiva campanha lançada pelo Estado Português, tem sido frutuosa, sob todos os aspectos.

Por último, a criação dos dispensários veio tornar mais possível ainda a recuperação de muitos doentes considerados suspeitos e, cujo mal, em estado incipiente, é susceptível de cura.

Aos recursos da ciência moderna e ao saber dos nossos especialistas de doenças infecciosas, e sobretudo às notáveis reformas do Governo Português, se deve a diminuição dos tuberculosos em Portugal.

Conceitos de renovação de Portugal

«Buscamos resolver os problemas da Nação com os nossos conceitos de autoridade, hierarquia, ordem, liberdade, trabalho, riqueza, tradição, honestidade: como estranhar que façamos o que os outros pretendiam que não fizéssemos e não façamos o que esses achariam melhor?»

(Salazar, em 28-3-1946)

ESTREPTOMICINA

A estreptomina enviada para a Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de Leiria, destina-se a todos os doentes do distrito.

Ficam, portanto, avisados todos os interessados que as requisições deste produto se deve fazer directamente à Delegação da Cruz Vermelha de Leiria.

Ricardo Nunes de Carvalho

Tendo prestado provas para secretário de finanças de 2.ª classe, ficou aprovado com a elevada classificação de 14 valores o sr. Ricardo Nunes de Carvalho que há um ano vem chefiando com muita proficiência a Secção de Finanças do nosso Concelho.

«A Regeneração» apresenta-lhe, por tal motivo, sinceros parabéns.

Este jornal foi visado pela
Comissão de Censura

NOTÍCIAS de AGUDA

Carta para os ausentes

Há já tempos que aqui não aparecem notícias de Aguda e a razão é simples.

A gente nem sempre tem que dizer. Pela ordem natural das coisas o nome de uns vai sendo riscado do número dos vivos e em sua substituição outros vão aparecendo.

Quem daqui saiu há dez anos, se cá viesse agora já encontraria muitas modificações. Foram famílias que se desfizeram e outras que se organizaram. A própria terra sofre modificações. Pontes há, onde até agora só crescia mato e agora estão a dar pão e vinho.

Mas estas notícias não é preciso dá-las, porque sabemos que a vida é sempre assim e na vida não podemos ter mão.

Sobre ofertas para as obras de reparação da Igreja, com tristeza se tem de dizer que parece que os correios não trabalham. Estes trabalham, sim. Não aparece mas é quem lhes dá que fazer. Até aos 5 contos e tal, o caso ia bem, mas depois parou de repente.

Dirá alguém que em começando as obras, as ofertas não faltarão, mas para elas se poderem começar temos de saber se há com que se possam levar até ao fim.

A união faz a força, com o auxílio de todos alguma coisa se fará.

Ainda e sempre o ouro negro

(Conclusão da 1.ª página)

veltosas em S. Tomé e Príncipe, em Macau e na Índia.

Em relação a todas as colónias e à parte de seus orçamentos privativos, do orçamento do Ministério das Colónias e de qualquer empréstimo que importe o menor encargo do Ultramar, menciona-se com legítimo e sadio orgulho o plano da renovação da marinha mercante, que dará até 1950 a bagatela de 69 barcos construídos em estaleiros portugueses totalizando 380 mil toneladas, e em prazos curtos 27 grandes navios com uma tonelage global de 206 mil toneladas.

Esta frota magnífica servirá capazmente a política económica imperial e o euroafricanismo, beneficiando europeus e nativos, brancos e homens de cor.

Na condução de tal política há que ter sobretudo equilíbrio, isto é, sentido das proporções, não esquecendo nunca que em matéria económica há a lei eterna e imutável da oferta e da procura, e que a sabedoria popular ensina: adeus lucro que me dá perda.

Para mim que conheço muitas das nossas colónias e algumas das estrangeiras, não restam dúvidas de que o Governo da Revolução Nacional adoptou segura, inteligente e sensata orientação nas terras de além-mar.

Assistência cuidada, assistência e mais assistência ao indígena, que foi, é, e será sempre o elemento primário de toda a obra colonizadora, quer encaremos o problema no aspecto das obrigações e deveres do povo colonizador perante a Humanidade, perante a Civilização e perante Deus, quer o olhemos pelo lado do próprio interesse económico e financeiro dos colonos do Estado.

A maior, a mais rendosa, e a mais útil, a mais linda vitória que poderemos alcançar, será aumentar a natalidade e diminuir a mortalidade dos indígenas.

Casamento

Na presente semana e no dia 25 do corrente consorciaram-se D. Cecilia Cotrim dos Santos com Sebastião da Conceição Guimarães. A noiva é dilecta filha do nosso amigo Manuel Loureço Gomes dos Santos e de sua esposa Maria da Glória Cotrim dos Santos.

Ele, filho de Sebastião dos Santos Guimarães, já falecido e de Maria Augusta da Conceição, natural do lugar de Lavandeira desta freguesia é um importante proprietário, administrador das suas roças na Ilha de S. Tomé e Príncipe.

Foram padrinhos, da noiva, seus tios João Loureço G. mes dos Santos e esposa da Sernache do Bom Jardim e do noivo Adelino Joaquim Coelho e esposa, dos Subúrbios desta Vila.

Durante o acto religioso um quarteto da orquestra privativa da igreja desta vila abrilhantou a cerimónia. Foi uma homenagem e surpresa à noiva, que fazia parte do coro e durante tantos anos se fez ouvir com outras senhoras, nas festas solenes desta terra.

Foi celebrante assistente o Reverendo Arcipreste que celebrou Missa e deu as Bênçãos aos noivos, fazendo-lhe uma atraente prática.

Em seguida foi servido em casa dos pais da noiva um lauto almoço. Lindas e valiosas prendas lhes foram oferecidas.

Os noivos partiram para Lisboa e arredores em viagem de nupcias.

Com os votos das melhores felicidades aos noivos, abraçamos o nosso amigo Manuel Loureço Gomes dos Santos.

Grémio da Lavoura

Alfinete do milho

Atendendo a vários pedidos de informação sobre esta praga do milho, vamos dar umas breves instruções acerca da biologia e métodos de tratamento deste pernicioso insecto.

Cientificamente designa-se por *Agriotes spp.*, sendo vulgarmente conhecido, consoante as regiões, por *Alfinete*, *Aguilhão*, *Aguilhão*, *Azouquia*, *Bicha Amarela*, *Carapau do milho*, etc..

Descrição e biologia

Os insectos adultos, são sobre o comprido e em forma de amendoa. A cor é geralmente escura, às vezes com manchas avermelhadas. Têm a particularidade de saltarem a grande altura, quando postos de costas.

A postura começa de Maio em diante, procurando as fêmeas, os pontos mais úmidos dos solos cultivados. Depois da saída dos ovos, as larvas têm um crescimento muito lento, cerca de trez a quatro anos, tendo hábitos alimentares diversos, conforme os diferentes períodos da sua vida. São no princípio detritófagas (alimentação de detritos orgânicos) para depois passarem a risófagas (alimentação de raízes), não se limitando no milho apenas às raízes, pois abrem galerias no interior do colmo.

Durante os grandes frios, enteram-se profundamente, fazendo o mesmo nos fortes calores do verão.

Métodos de tratamento

Em terrenos não calcários, substituir as adubações azotadas com sulfato de amónio por cianamida cálcica ou cal azotada, fazendo seguidamente à sementeira uma rolagem ao terreno, pois a dificuldade de arejamento parece contrária à vida destes insectos.

Deve também ter-se o cuidado de desinfectar as sementes com qualquer sal de cobre.

N. I. — Apareceu agora no mercado um insecticida inglês à base de «Gamexane» que dizem dar bom resultado no combate a este insecto. Está o Grémio da Lavoura a proceder a experiências sobre a eficiência deste producto, aconselhando depois o seu emprego, se o julgar conveniente.

Nascimentos

No pretérito dia 25 deu à luz, na sua residência em Lisboa, uma robusta criança do sexo feminino a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Emilia Daniz de Carvalho Caetano Nunes, esposa do sr. dr. Américo Caetano Nunes, advogado na capital.

A mãe, assim como a recém-nascida, encontram-se bem. «A Regeneração» apresenta sinceros parabéns.

No passado dia 14 do corrente deu à luz duas crianças do sexo feminino a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Afonso de Cristo Abreu, esposa do nosso particular amigo sr. Joaquim Smões Abreu, conceituado negociante de lanifícios em Vera-Cruz, concelho de Portel.

O parto não decorreu normalmente pelo que faleceu uma das crianças.

Tanto a mãe como a outra criança encontram-se bem pelo que felicitamos aquele nosso amigo sr. Simões Abreu e família.

COMUNICADO

Aos proprietários de Pinhal

O Industriais de produtos resinosos, abaixo assinados em virtude de verificarem que está sendo alterado o preço de Esc. 2\$00 por incisão que estabeleceram para aluguer de pinhal a explorar na campanha de 1948, nos concelhos de:

Alvaiázere, Castanheira de Pêra, Ferreira do Zezere, Figueiró dos Vinhos, Mação, Oleiros, Pampilhosa da Serra, Pedrógão Grande, Proença-a-Nova, Sardoal, Sortã, Tomar, Vila Nova de Ourém e Vila de Rei;

Vem declarar, para todos os efeitos convenientes, que não autorizaram, não permitem, nem se responsabilizam por ofertas, prática ou pagamento de preços superiores.

Aos 18 de Maio de 1948.

**Companhia Nacional de Resinas
Companhia de produtos Resinosos
Empresa de Resineira de Figueiró dos Vinhos, L.da
Joaquim Lopes Cardoso
Lagoa, Henriques & Pedroso, L.da
Manuel Joaquim Nogueira & Irmão
Sociedade de Produtos Resinosos da Beira Baixa, L.da
Sociedade Resineira de Alcobaça, L.da
União Resineira Portuguesa
Viuva Martins Pereira & C., L.da**

FALECIMENTO

Faleceu no dia 12 do corrente no lugar de Aguda a sr.^a Ana de Jesus Abreu, viuva, mãe dos nossos presados assinantes, srs. Ambrósio Carvalho de Abreu, Ludgero Carvalho de Abreu, Manuel Carvalho de Abreu e César Carvalho de Abreu, a quem «A Regeneração» apresenta sentidos pésames.

EDITAL

Joaquim Alves Tomaz Morgado, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Figueiró dos Vinhos.

Faço saber que, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de 19 de Maio de 1948, se arrematará, convindo aos interesses do Município, o seguinte:

Constituição de um bairro de 12 Casas para as classes pobres em Figueiró dos Vinhos.

**Base de licitação 300.000\$00
Depósito provisório de 9.000\$00**

As propostas serão apresentadas em carta fechada, até às 13 horas do dia 23 de Junho, nesta Secretaria Municipal, onde as condições se acham patentes todos os dias úteis, até às 17 horas.

Para conhecimento geral se publica o presente, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Eu António Antunes dos Santos, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrivi.

Paços do Concelho e Secretaria da Câmara Municipal, 25 de Maio de 1948.

O Presidente
Joaquim Alves Tomaz Morgado

Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS
2.ª publicação

Pelo Tribunal Judicial desta comarca e secção de processos, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando, no processo de arrecadação de herança por falecimento de Padre Francisco Fernandes, que foi residente na vila de Pedrógão Grande, desta comarca, quaisquer interessados incertos para deduzirem a sua habilitação, como herdeiros daquele falecido, dentro de trinta dias, digo vinte dias.

Figueiró dos Vinhos, 4 de Maio de 1948.

O Chefe da Secção
Francisco Pinheiro Mourisca
Verifiquei:

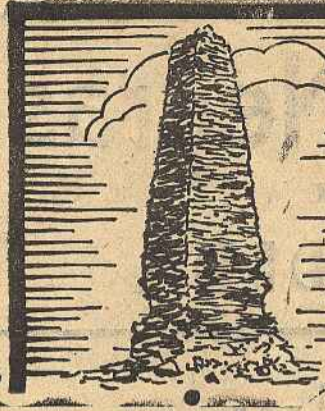
O Juiz de Direito,
José de Figueiredo Soveral Martins
Jornal «A Regeneração» n.º 716 de 29 de Maio de 1948

Agradecimento

A Família de Ana de Jesus Abreu de Aguda, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio, agradecer a todas as pessoas, que por qualquer modo se interessaram pelo seu estado de saúde e a acompanhar a sua última morada.

Passa-se Bom primeiro andar para armazem ou outro fim, com instalação.

Trata-se na rua dr. José Martinho Simões-Figueiró dos Vinhos.



DAQUEM TREVIM

Número 46

Página Regional de Castanheira de Pera

Ano I I

Avença

Redigida por Luso & Egas

RIQUEZAS NACIONAIS

No começo do corrente mês de Maio tão pouco primaveril por sinal, neste ano da graça de 1948, tomou posse o novo director geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

A' cerimonia da posse do sr. engenheiro silvicultor Filipe Mendes Frazão para aquele elevado cargo deu a Imprensa justo relevo, tanto mais que o titular da pasta da Economia, departamento por onde correm tais serviços, aproveitou a oportunidade para focar alguns dos aspectos mais interessantes do problema do repovoamento florestal, uma das obras mais proveitosas, e porventura mais ignoradas, do ressurgimento nacional.

Tenho hoje que escrever quase só algarismos, tarefa sempre ingrata, porque a leitura dos números é fastidiosa para a grande maioria das pessoas. Ainda estamos longe de haver atingido o grau de civismo e de educação política que nos leve a acompanhar de perto a vida da governação.

No fundo, somos afinal proprietários que mal olhamos pela administração das terras que nos pertencem e nossos maiores no legaram para conservar e valorizar.

E' certo que em honradas mãos de feitos entregámos em 1926 o mandado de cuidado do património nacional; mas isso não nos absolve do abandono a que votamos a causa pública.

Sinais dos tempos que passam: erro que vem de longe e que o clima desta época não ajuda a combater.

Desde os alvares da nacionalidade que o povoamento florestal mereceu as mais cuidadosas atenções.

Dos nossos primeiros monarcas, um passou á história sob o cognome de «O Lavrador», e a ele se deve a plantação do tão conhecido pinhal de Leiria.

Porque Deus manda que se diga a verdade, há que prestar justiça a tantos bons obreiros que devotadamente foram na esteira dos pioneiros criadores desta fonte magnífica de riqueza nacional.

No discurso de agradecimento o empossado proferiu

algumas palavras acerca do passado do organismo que passou a dirigir. Reproduzo-as como as li na Imprensa do dia seguinte: «Vão-se agora concretizando as responsabilidades de não deslustrar as brilhantes tradições dos Serviços Florestais, organizados há 125 anos, mas coevos da própria nacionalidade, por serem de sempre as providências para criar e defender a riqueza silvícola do País, de elevar e manter no conceito dos dirigentes e do público o problema florestal, de solução incómoda, ingrata e pouco atraente, mas fundamental por interessar á conservação e melhoramento do próprio quadro geográfico, fundamento físico da Nação».

O certo é que a organização dos serviços isto é, a ordem, o método e a disciplina nos serviços, datam apenas de há pouco mais de um século, e a nacionalidade conta mais de oito. E certo é também que pelo trabalho realizado pelo Estado Novo se verifica que eram ainda muito extensas as zonas por povoar e repovoar. Se não, vejamos:

Em nove curtos anos repovoaram-se **27.000 hectares de serras**.

Os dados estatísticos que possuo chegam para poder afirmar que também neste sector da vida nacional, o Governo da Revolução Nacional fez muito, e fez bem.

Como é hábito da administração que é zelosa, sensata e honrada, estudou-se previamente um Plano de Repovoamento Florestal que, para o revestimento total das dunas, a efectuar dentro de trinta anos, orçou os encargos em **mais dum milhão de contos**.

Em 1945 — são relativas a este ano as cifras que consultei — plantaram-se **quase dois milhões de árvores**.

A's dunas couberam perto de cem mil, ás matas mais de cento e cinquenta mil, e mais de milhão e meio ás serras.

Quanto a sementeiras os números também são ilucidativos. Semearam-se para cima de 120 mil, em dunas, matas e serras.

Abrangeu muito para cima

de quatro mil hectares a terra povoada.

A extensão do trabalho pode medir-se diante deste facto concreto.

O plano acima referido previa a arborização de mais de nove mil hectares de dunas.

Pois bem: falta povoar escassos 210 hectares' tarefa que se cumprirá integralmente neste ano de 1948.

O Estado Novo arborizou nestes últimos anos «uma área superior a duas vezes e meia a do pinhal de Leiria».

Isto mal se vê, á mingua de lhe faltar o factor espectacular tão do agrado das multidões, mas é obra meritória e produtiva que traz á vida económica vantagens que saltam aos olhos.

Claro que os benefícios se não fazem sentir dum hora para a outra, porque de um areal desolador não nasce uma floresta por virtude de varinha mágica. Mas nos areais da Gafanha saíram as matas e os campos cultiváveis que são regalo para os olhos maravilhados do viajante que passa, e pão para centenas de lares modestos, mas, graças a Deus, fartinhos.

O mesmo pode dizer-se da tarefa admirável da colonização interna, semeando coisas agrícolas por terras outrora bravias que pareciam amaldiçoadas.

Em boas mãos ficam entregues os destinos dum organismo que se mostra óptimo instrumento de colaboração nesta cruzada de rara beleza que é «o milagre português».

Enquanto tiver força e um sopro de vida me animar, hei-de tenazmente persistir na campanha sadia de espalhar a Verdade e semear a boa semente.

Limpeza de Ruas

Vimos para aí andar a fazer qualquer coisa mas que está longe do que deve ser.

Precisa-se de uma limpeza permanente não somente nas ruas principais da vila, como em todas. Os estrumes emporcalham as ruas bastante sem vermos quem nisso ponha cobro. Há recantos na vila que merecem a atenção da autoridades anitária.

Espairecendo...

Duas Fases

Que coisa desconcertante os outros não concordarem comigo!

Eu faço todas as coisas bem feitas... Sou esperto, bastante conhecido, muito cumprimentado. Tenho maneiras agradáveis, o talento prático assiste-me nas minhas empresas...

O facto de eu vencer não é só questão de sorte nem de bons padrinhos. Não é. Tenho em mim alguma coisa que me faz algo superior aos outros. «Esses» não sabem nada, ou se alguma coisa sabem não empregam os seus conhecimentos. Tenho dinheiro, faço bons negócios, portanto, sou alguma coisa no meu meio.

Tenho programas de vida, programas de assistência e beneficência, um rol de coisas que é urgente se façam.

Mas os outros não me compreendem! Estou só. Não me compreendem, repito. Querem seguir outros caminhos, mas eu quero fazer valer as minhas ideias, as minhas preocupações. E os outros fazem na minha ausência e até na minha presença simplesmente o contrário. Que maçada! Não valerei mais do que eles? Valho, de certeza. Tenho planos e quero dar-lhes corpo, mas os outros dizem que não. E isto já se passa há tantos anos...

Não estarei eu enganado? E' humano. Tentando um pouco contra o meu feitio, daqui por diante hei de esforçar-me por acatar como razoável qualquer sugestão útil que me dirijam. Porque não? Os outros também são inteligentes, amigos do bem público.

Não podemos ter todos as mesmas aspirações, os mesmos anseios.

A vila diverge para cada um de nós. E' verdade. Portanto, nem só o que eu faço é que está bem feito.

Vou unir-me na medida do possível, fazer um todo único, um bloco de camaradagem, tanto mais que vivemos todos debaixo do mesmo céu português.

E assim unidos, em íntima comunhão de cruzada pelo bem, embora as ideias de cada um sejam divergentes, realizaremos algumas coisas de proveitoso.

E' a união que faz a força. Porque não me hei de unir com todos aqueles que querem fazer alguma coisa e não deixam atraz da porta da minha casa o ressentimento má-lévolo, que me prejudica e move a desconfiança de quem pode observar a minha conduta? Diabo, os os outros também são homens...

Castanheira de Pera, Abril de 1948.

Villar Penedo

Pensão Familiar

Bons quartos, Bom tratamento, Bons Preços
R. Manuel Antunes Ceppas,
Castanheira de Pera-Telef. 13

Falta de Casas

O problema da falta de casas, quer para as classes pobres, quer para os operários e funcionalismo, é permanente.

Há necessidade urgente de se olhar para ele com vontade de o resolver dentro das possibilidades.

Parece que por parte da Federação dos Lanifícios e Caixa Sindical alguma coisa se pretende levar a efeito.

Todavia, tudo o que porventura se venha a fazer, será muito pouco para aquilo que é indispensável.

Há nesta vila, certamente, industriais que podem dispor de capitais bastantes para construções de maneira a tirarem o juro compensador. Não seria isso mais útil que ter o capital imobilizado de outra maneira, fora da sua indústria?!

O rendimento desta aplicação seria certos e as construções fossem feitas para esse fim.

Aparecerá alguém que possa tomar esta iniciativa? Seria útil e proveitoso para a terra e para o seu desenvolvimento futuro.

Edifício dos Correios

Afinal parece que continuamos como dantes. Nem edifício novo, nem mudança!

Todavia, por toda a parte se vão vendo novos edificios e novas instalações para os serviços dos correios. Parece que neste caso a *Macaca* entrou com esta terra, digna de melhor sorte! Tudo aqui se tem feito para se conseguir quando não fosse já a construção do edificio próprio, pelo menos a mudança de instalações para o local e casa mais apropriada.

Tudo tem sido em vão e não pode dizer-se que as entidades locais competentes não tem desde há muitos anos, tratado do caso com afinco. Viagens e mais viagens de técnicos dos C. T. T., estudos e mais estudos e uma a uma as possibilidades de mudança vão desaparecendo. No momento nenhuma surge.

Virá novo edificio? Quando? Onde?

Capas Negras

EM
FESTA

QUEIMA DAS FITAS

1948

Capas Negras

EM
DESPEDIDA

ADEUS...

Dedicamos estas colunas de hoje a uma ilustre académica Figueiroense que prestes está a ser Doutora!

Ricardina da Assunção António, filha de Figueiró, desde cedo revelou as suas qualidades de trabalho que com o andar dos anos se foram aliando a uma compostura e dignidade, próprias de uma verdadeira mulher. Assim, à sua volta criou grandes simpatias, não só pelas suas qualidades mas também pela maneira agradável com que a todos sabe corresponder com impecável trato.

Como estudantes prestamos esta modesta, mas sincera homenagem, cumprindo com um dever que é comum a todos os *Capas Negras* - a solidariedade - e assim juntamo-nos neste dia festivo, neste dia em que as fitas de Doutora esvoaçam pelas saudosas ruas de Coimbra, à alegria que certamente terá e à de seus Pais, Augusto António e Maria de Assunção Pires, a quem neste momento felicitamos.

Ricardina da Assunção António, *Capas Negras*, estão presentes, os colegas amigos de capas unidas felicitam sinceramente, desejando mil felicidades no curso que tão auspiciosamente encetou.

—Parabéns, muitos parabéns—



D. Ricardina da Assunção António

O ano lectivo está quase a terminar e com ele a nossa secção *Capas Negras*.

As palavras que o ano passado fizemos na nossa despedida, são as de agora, são as de sempre e continuarão a perdurar enquanto nos guiar o digno propósito de descrever as lides Coimbrãs e estreitar cada vez mais, sem distinção, todos os colegas estudantes Figueiroenses, num abraço longo, abraço de confraternização e bom entendimento que seja o caminho produtor duma sã amizade e solidariedade entre todos.

Continuamos a agradecer sinceramente a todos os que nos deram a sua leal e desinteressada colaboração e cá os esperamos para o ano, para continuarmos alegres e solidários a retratar as imagens do filme na nossa juventude, juventude académica que perdurará eternamente e é afagada de quando em vez por uma longa saudade e por vezes por uma lágrima teimosa.

Todos os outros terão como até aqui os nossos braços abertos para um dia os unirmos quando já compreenderem de que lado está a verdade... Amigos, se por acaso tivéssemos palavras de ódio para convosco, essas seriam: "Vinde estudantes, colaborai com estudantes e para estudantes."

Vou tentar com simpatia
Fazer a biografia
Da futura boticária;
Que um dia há-de vender,
Posinhos de bem querer
E pr'a bicha solitária...

Não serão só estes pés
Mas também Cálcio Sandoz
Que haverá lá na botica;
E que darão bom resultado
Para andar desembaraçado
A quem não tiver genica.

A irriquieta e Ladina
Alma desta Ricardina
Deixa a nossa embaraçada;
Poje por doces é gulosa
Ao discutir mui teimosa
E bastante agarrada.

Desde Outubro até Agosto
Ela tem um grande gosto,
A' escalfoa se sentar...
De noite tem os pés frios
Tem suores... e calafrios
E costuma alto sonhar.

A história da Ricardina
Já vai longa e bem moína
Sem que haja mais p'ra dizer,
Mas antes de terminar
Eu quero-lhe desejar
Venturas mil p'ra viver.

Bernardino Duarte

Gosta de animais, café,
De se deslocar a pé,
Pois tem horror aos electricos.
Diz ela e tem razão
Que na cor para o coração
Eles não são nada proféticos

A's onze e vinte onde esteja
Deixa tudo o quer que seja
E quem paga é a caloiira...
Pois se estão só, para dançar
Ela obriga-a a levantar
A bem, a mal ou vassoira.

Penteia-se muito a preceito
E se não lhe calha a geito
O penteado, moisés!...
Diz pr'a a imagem do espelho:
«Se não me desvenvelho,
Na aula não ponho os pés».

Mas quer lá vá ou quer não
Não se sabe se por paixão
Feitio ou qual cariz...
Entra tarde e atarefada
E fica sempre alheada
Daquilo que o mestre d'z.

Força férrea de vontade,
Aplicada, persistente,
Das poucas na realidade
Que sabem dizer—presente.

Foi em Figueiró dos Vinhos,
Onde nasceu e cresceu,
Que se ajoitou aos caminhos
Pedregosos do liceu.

Veio depois para Coimbra
Como era gosto do pai,
E a mesma vontade timbra,
E chega sempre onde vai.

Ao sentir pela janela
Acordes de serenata,
Sem sentimento espadela
A sua alma de prata.

Vai da alta para a baixa
E o seu coração vagueia...
Mas outro enteio não acha
Que valha a farmacopela.

Fantasia — uma pilada;
Romantismo — uma colher...
— Eis a receita aviada
Dos seus sonhos de mulher.

Para as doenças de peito,
"Amorites", brotoeja...
Tem um remédio de efeito:
— Duas hóstias na igreja.

Eis nos versos que esmerilho
E no mais que se imagina,
Os doirados do caixilho
Do espelho da Ricardina.

Do padrinho

Francisco Pires

× Sentiu-se alegre com o cortejo?
— Para mim o cortejo é um dos
mais saudosos números da Queima.

× Que pensa da Secção dos Capas Negras.
— Para mim foi uma ideia simpática dos nossos estudantes, que contribui bastante para que todos possamos conhecer o que é a nossa saudosa vida académica.

× Acha que esta ideia devia ser mais compreendida e acarinhada?
— Sim. Acho que todos os estudantes deviam colaborar de alma e coração visto que a todos diz respeito e a todos interessa.

PALAVRAS AMIGAS

Aproveitando a alegria com que encontramos a D. Ricardina António, não resistimos à tentação de trocar com ela, duas palavras amigas que traduzem a justa homenagem que *Capas Negras* lhe testemunham.

× Está satisfeita por pôr fitas, Ricardina?

— Estou muito satisfeita, pois, não houvera de estar...

× Essa satisfação e alegria porém, não é banhada de saudade ao pressentir a partida de Coimbra?

— Saudades de Coimbra, dos meus colegas, desta camaradagem que tanto caracteriza os jovens *Capas Negras* sobretudo da vida académica da minha Escola de Farmácia e de todo o romantismo de Coimbra que me levaria, se pude-se, a ficar cá eternamente...

× O seu curso corresponde aos seus desejos?

— Em parte corresponde visto que na vida acho que é um dos que melhor se harmoniza com a posição da mulher, mas na realidade não é este curso que corresponde ao meu ideal.

× Quantas pilulas já fez?

— Multíssimas, especialmente umas de estrequinina... com certo fim.

× Constatou-nos que sabe fazer pós de espilro, muito bem, é verdade?

× Confesso que nunca experimentei, mas se os fizer talvez saia alguma coisa com geito.

× Gostou da Queima? O que mais a satisfaz.

— Gosto tanto da Queima... O que dizer é inefável, Para mim tudo o que é académico me arrebatou e a visão de certas fitas a esvoaçarem perdurará em mim eternamente...

Trovadores de Coimbra

Nossas tristes amorosas
Onde estão? que é feito delas?
Morreram; vivem ditosas
Na casta luz das estrélas.

(Coimbra, 1878)

Coelho de Carvalho

Não há como tu Coimbra,
Torrão de fruta mimosa;
Toda a vida a quem a prova,
Fica a boca saborosa.

(Coimbra, 1884)

Manuel de S. Gaia

Minha guitarra querida
Confidente dos meus ais,
Que triste nos fôra a vida
Sem tuas vozes leais!

(Coimbra, 1883)

João Pena

Causa-me tanto pensar
Que me chego a convencer
De que muito me há de amar
Quem tanto me faz sofrer...

(Coimbra, 1884)

Queirós Ribeiro

Tua mãe, quando nasceste
Viu cair duas estrélas;
Foi apanhá-las e fez te
Os lindos olhos com elas...

(Coimbra, 1884)

António Feijó

Dos rubis da tua boca,
E do oiro do teu cabelo,
Levantei dentro do peito
Um fulgurante castelo.

(Coimbra, 1886)

Alberto Osório de Castro

Vão as pombas pelo céu,
Vão as canções pelo ar...
Vai, na dança junto ao meu
O coração do meu par.

(Coimbra, 1884)

António Fogaça

Estudei cursos de amor,
Lições de Felicidade:
Não quis nunca ser doutor
Em outra Universidade.

(Coimbra, 1891)

Alberto Oliveira

Queima das Fitas

Coimbra não quer tristezas,
Revendo suas belezas,
De si afasta as desditas.
Tem em casa a sua festa,
Que toda a graça lhe empresta,
A linda Queima das Fitas.

Anda alegre a mocidade
Cheia de encanto, a cidade,
E' mar de sonho e de gozo,
E o Pirata, sempre o mesmo,
Vende à farta, vende a esmo,
Garrafinhas de espumoso.

Voando, as capas coçadas,
Já velhinhas, remendadas,
Cobrem com certo pudor,
Muitos abraços e beijos,
Loucuras, juras, desejos,
Dos sequiosos de amor.

E as lindas fitas ao vento,
Assim como o pensamento,
Traduzem este dizer:
— Nós desejamos, por bem,
Vir mais tarde a ser alguém,
Tendo, a honra de vencer.

A queima é festa brilhante,
De alegria estonteante,
Da gente nova e famosa,
Onde palpita e domina,
Em graça castiça e fina,
Toda a alma da Briosia.

E Coimbra, a feiticeira,
Cidade linda e fagueira,
Terra de sonho e magia,
Conhecida em todo o Mundo,
Sente um orgulho profundo
Pela sua Academia.

Henrique Serra

Saudade

Coimbra terra de encanto
quem te não há-de sonhar
com voz doirada de pranto
se algum dia te deixar!

Em quantas almas singelas
e em quantos olhos não choras
ao levantar das estrélas
ao despontar das auroras!

Coimbra, Eterna saudade
jardim de sonhos em flor,
és irmã da saudade
és a mãe do nosso amor.

A. Raposo Marques